

Por que você vai adorar ler *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS*

O autor
LEWIS CARROLL (1832-1898)

Lewis Carroll, que se chamava Charles Lutwidge Dodgson, nasceu em 27 de janeiro de 1832, em Daresbury, no condado de Cheshire: filho de um pastor anglicano, foi o terceiro filho de uma família de onze crianças. Embora seja conhecido pela série de textos em torno da personagem Alice, também foi ensaísta, matemático e fotógrafo.

Charles Lutwidge Dodgson cresceu entre irmãos e irmãs que eram canhotos, sem exceção – particularidade que, segundo alguns, influenciou sua obra. No mínimo sete eram gagos, incluindo ele. Somente aos onze anos, em 1844, frequentou a escola pela primeira vez.

Em janeiro de 1851, Charles foi admitido numa faculdade da prestigiosa universidade de Oxford, Christ Church. Mas Charles não entrou apenas como aluno e futuro professor: sua integração ao corpo docente aconteceu com a condição de que ele fizesse um voto de celibato e se tornasse diácono. Raras vezes deixou aquele ambiente: em 1855, obteve o cargo de sub-bibliotecário, até se tornar, em 1857, professor de matemática. Dodgson parou de dar aulas em Oxford em 1881 para se tornar o responsável administrativo da casa universitária, função que ocupou por mais nove anos. Homem extremamente discreto, levou uma vida aparentemente regrada. O reverendo William Tuckwell o descreveu como “austero, tímido, preciso, absorto no devaneio matemático, zeloso de sua dignidade, conservador em teoria teológica, política e social”. Embora tenha passado a vida toda em Christ Church, morreu em consequência de uma pneumonia na casa de suas irmãs, The Chestnuts, em 14 de janeiro de 1898, ou seja, dezoito dias antes de completar 66 anos.

O SURGIMENTO DE LEWIS CARROLL

Homem discreto, sempre gostou de escrever. Na adolescência, durante as férias escolares, inventava revistas literárias de nomes surpreendentes: *A revista do presbitério* – ilustrada pelo autor –, *O cometa*, *O botão de rosa*, *A estrela*, *O fogo-fátuo*, *O guarda-chuva do presbitério* e *Mischmasch*. Essas revistas, totalmente manuscritas, continham poemas e canções de sua autoria, “correios dos leitores” e breves paródias de romances contemporâneos. Ele também construiu um teatro de marionetes, para o qual escreveu, em 1849 e 1850, duas peças: *Tragédia do rei John* e *La Guida di Bragia*.

Foi apenas em 1856 que Dodgson assinou os primeiros textos sob o pseudônimo de Lewis Carroll, quando começou a escrever para a revista *The Train* [O trem], dirigida pelo jornalista inglês Edmund Yates. Ele propôs, a princípio, o pseudônimo Dares – as primeiras quatro letras de sua cidade natal, Daresbury. A ideia não cativou Edmund Yates. Por fim, depois de hesitar entre Edgar Cutwellis, Edgar U.C. Westhall, Louis Carroll e Lewis Carroll, foi este último que Charles Lutwidge Dodgson acabou escolhendo, brincando com a tradução e a inversão: Charles Lutwidge em latim seria *Carolus Ludovicus* e *Ludovicus Carolus* poderia ser retraduzido para Lewis Carroll.

Retrato de Lewis Carroll.

O autor LEWIS CARROLL (1832-1898)

Charles Lutwidge sempre manteve uma certa distância de seu pseudônimo, sem dúvida para marcar a separação de suas atividades literárias e poéticas de suas atividades oficiais. No fim da vida, inclusive, devolvia as cartas que lhe eram enviadas sob o nome de Lewis Carroll, marcando-as com a palavra “desconhecido”. Mesmo assim, reza a lenda que ele não se apresentava às crianças como Charles Lutwidge, mas como Lewis Carroll.

O MATEMÁTICO

Charles Lutwidge foi professor de matemática. Mas sua estranha relação com o mundo, sua obsessão com a inversão, com a simetria e com a geometria fizeram dele um matemático curioso, dotado de uma mente rica e surpreendente. Ele publicou uma dezena de obras inovadoras sobre geometria, álgebra linear, álgebra matricial e, principalmente, lógica matemática. Mas uma de suas grandes paixões foi o ensino da lógica ao grande público. Assim, adorava criar problemas matemáticos e lógicos, que “recobria” com tons literários para torná-los mais atraentes. Todas as estranhas passagens ligadas ao *nonsense* (algo que, a princípio, parece absurdo), ao espaço e ao tempo, que tornam suas obras tão singulares, constituem, além de formas poéticas inéditas, verdadeiros problemas matemáticos, aritméticos, algébricos e geométricos disfarçados de contos burlescos, que são obras cômicas propositalmente mirabolantes.



Retrato de Alice Liddell,
aos sete anos, em 1859.

O FOTÓGRAFO

Em 18 de março de 1856, Charles Lutwidge comprou sua primeira máquina fotográfica. Seguiu-se uma paixão por essa arte. Rapidamente, tornou-se um fotógrafo famoso: realizou o retrato de pintores, de atores e atrizes mais ou menos conhecidos, fotografias de paisagens, igrejas e monumentos.

A mais conhecida de suas modelos foi Alice Liddell. Charles conheceu Alice quando ela tinha três ou quatro anos. Mas foi no dia 4 de julho de 1862 – Alice tinha dez anos –, durante um passeio de barco com a menina e duas de suas irmãs, que Lewis Carroll contou-lhes o que seria a trama das diferentes histórias conhecidas sob o nome genérico de *Alice no País das Maravilhas*.

“Aconteceu-me, algumas vezes, de acreditar em meia dúzia de coisas impossíveis antes do café da manhã.”

UMA OBRA SEM IGUAL

Quem foi realmente Charles Lutwidge Dodgson, vulgo Lewis Carroll? Embora seja difícil responder a essa pergunta, é preciso dizer que sua obra tem uma força sem igual: ele foi o criador de um mundo estranho, regido pelo *nonsense*, que colocava em causa o tempo e o espaço, a lógica e a linguagem, e também os costumes. Ele inventou um personagem feminino de “menininha” que, por sua inteligência e desembaraço, estava a léguas de distância de todos os outros personagens da época, sugerindo que uma menina, na Inglaterra vitoriana, só poderia sobreviver pensando além dos esquemas e normas preestabelecidos para as mulheres.

O roteirista e adaptador **DAVID CHAUVEL**

Responsável por transformar as aventuras de Alice para as histórias em quadrinhos, David Chauvel nasceu em Rennes, na França, em 1969. Já faz mais de vinte anos que ele é roteirista, adaptador e diretor de inúmeros outros livros em HQ. Além de *Alice no País das Maravilhas*, Chauvel ficou muito conhecido pela adaptação *Arthur*, muito bem recebida pela crítica e pelos fãs.



David Chauvel



Xavier Collette

O ilustrador **XAVIER COLLETTE**

Você achou a Alice um pouco diferente da Alice que conhecemos dos filmes? Quem teve a ideia e criou essa Alice foi Xavier Collette. Ele nasceu na Bélgica em 1981, mas hoje vive na França. Já faz quinze anos que Collette vive no mundo da imaginação, ilustrando livros de literatura, jogos de tabuleiro e videogames. *Alice no País das Maravilhas* foi a primeira HQ que o ilustrador fez, ele diz que foi chamado para a toca do coelho por David Chauvel.

A tradutora **JULIA DA ROSA SIMÕES**

Esta adaptação para HQ de *Alice no País das Maravilhas* foi escrita em francês, idioma que a Julia, tradutora deste livro, sabe muito bem. Além de ser tradutora, ela também é historiadora e estuda os conhecimentos e as memórias da humanidade. O primeiro contato que Julia teve com a obra foi quando era bem pequena: ela assistiu ao desenho animado produzido pela Disney, que foi feito em 1951. Seu maior medo era quando aparecia o Gato de Cheshire, aquele que tem um sorriso assustador e que desaparece! Ela leu o livro original pela primeira vez quando era adolescente, pois ficou muito curiosa para conhecer o texto escrito em inglês, idioma que falava o autor do livro, o Lewis Carroll. Ela queria saber mais sobre essa história meio maluca e muito fascinante, cheia de personagens inesquecíveis. Julia diz que foi muito emocionante traduzir *Alice no País das Maravilhas* em história em quadrinhos: “Como não sorrir por dentro ao passar para o português frases famosas como ‘Vou chegar atrasado!’, do Coelho Branco, e ‘Cortem a cabeça dela!’, da Rainha de Copas? Em quadrinhos, então, fica ainda mais divertido!”, disse ela.



Julia da Rosa Simões



A obra de LEWIS CARROLL

Lewis Carroll começou a escrever muito cedo em suas “revistas”, criando pastiches literários, peças de teatro, poesia e ficções breves, por volta dos dezesseis anos. Embora nunca tenha parado de escrever, sua obra acabou se organizando em torno de três grandes eixos: ensaios matemáticos, textos em verso e ficções romanescas. Ante uma leitura atenta, porém, esses três gêneros se revelam bastante relacionados. A matemática sempre influenciou suas criações mais literárias, e ele fez um esforço no sentido de recriar o rígido gênero do ensaio universitário.

AS TRÊS VERSÕES DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

O livro que o grande público conhece como *As aventuras de Alice no País das Maravilhas* teve, na verdade, várias versões e está dividido em dois textos distintos. Primeiro, Lewis Carroll escreveu para Alice Liddell *As aventuras de Alice no subterrâneo*, um manuscrito ilustrado pelo próprio autor que se destinava ao uso exclusivo da jovem amiga. Lewis Carroll terminou essa primeira versão em 1864 e ofereceu-a à menina em 26 de novembro.

Um ano depois, em 1865, ele decidiu publicar o texto revisado. Mudou o título – *As aventuras de Alice no País das Maravilhas* – e recorreu ao ilustrador Sir John Tenniel, um dos primeiros britânicos a fazer desenhos do Papai Noel...

Em dezembro de 1888, diante do sucesso das aventuras de Alice, Carroll se dedicou a uma terceira versão: *Alice contada às crianças*.

ALICE, HEROÍNA DE DOIS ROMANCES...

Alguns anos antes da versão infantil *Alice contada às crianças*, Lewis Carroll escreveu uma continuação para *Alice no País das Maravilhas*, chamada *Alice através do espelho e o que ela encontrou lá*. Dessa vez, a heroína não segue mais um Coelho Branco: ela dorme numa poltrona e sonha que atravessa um espelho. O texto é mais fluido que o de *Alice no País das Maravilhas*, e nele reencontramos o humor de Lewis Carroll, seu gosto pelo *nonsense*, por inversões e matemática. Alice, que é confrontada a um mundo inspirado no jogo de xadrez, interage virtuosisticamente com as regras desse universo onde tudo deve ser feito ao contrário, a ponto de passar da condição de simples peão à de rainha... *Através do espelho* também se tornou um grande sucesso.

O romance ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS (1865)

Alice no País das Maravilhas (*Alice's Adventures in Wonderland*), escrito por Charles Lutwidge Dodgson – sob o pseudônimo Lewis Carroll –, foi publicado na Grã-Bretanha pela editora Macmillan and Co. em 4 de julho de 1865. Na França, foi lançado em 1869. O livro constitui a versão escrita de uma história que Lewis Carroll criou, em 4 de julho de 1862, durante um longo passeio de barco com a jovem Alice Liddell (na época com 10 anos) e suas irmãs Lorina (13 anos) e Edith (8 anos).

ABERTURA RELATIVAMENTE CLÁSSICA

Alice no País das Maravilhas conta a história da personagem de mesmo nome. A menina se aborrece ao lado da irmã, que lê um livro “sem desenhos ou diálogos”. “Para que serve um livro sem desenhos ou diálogos?”, pergunta-se Alice. Digno de nota é o fato de Lewis Carroll ser um ótimo desenhista e todas as edições de *Alice*

Ilustração de
John Tenniel, 1865.



no *País das Maravilhas*, publicadas durante seu período de vida, terem sido ilustradas com extremo cuidado, sempre sob a direção do autor. O tédio é tão grande que a menina busca desesperadamente uma distração, que surge na forma de um coelho branco com olhos vermelhos que usa colete e relógio de bolso. A jovem Alice, de mente muito aberta, não se espanta nem um pouco com a aparência do animal, mas se sobressalta ao ouvi-lo gritar, depois de olhar para o relógio: “Estou atrasado! Atrasado! Atrasado!”. O Coelho corre até uma toca, Alice decide segui-lo. Assim que entra na toca, ela começa a cair num poço que a conduz a um mundo maravilhoso.

UM UNIVERSO COMPLEXO

Nesse mundo maravilhoso, Alice conhece vários personagens, todos mais ou menos curiosos, quando não completamente loucos, como diz o Gato de Cheshire no capítulo “Porco e pimenta”: “Que tipo de pessoas vivem por aqui? ‘Nesta direção’, disse o Gato, girando a pata direita, ‘mora um Chapeleiro. E nesta direção’, apontando com a pata esquerda, ‘mora uma Lebre de Março. Visite quem você quiser, são ambos loucos.’ ‘Mas eu não ando com loucos’, observou Alice. ‘Oh, você não tem como evitar’, disse o Gato, ‘somos todos loucos por aqui. Eu sou louco. Você é louca’”.* Diga-se de passagem que o Chapeleiro e a Lebre de Março moram... no mesmo lugar. De encontro em encontro, ela acaba conhecendo os dirigentes desse estranho lugar, o Rei e a Rainha de Copas, que reinam como déspotas nesse universo fantástico. No fim, Alice assiste ao julgamento injusto e absurdo do Valete de Copas, acusado de roubar as tortas da Rainha. As testemunhas se sucedem, e o absurdo, o cômico e o *nonsense* dão um tom pesadelar ao julgamento. Alice se revolta contra aquela justiça parcial, levando a Rainha a decidir prendê-la. A menina acorda e se vê no ponto de partida da história, ao lado da irmã.

UM BESTIÁRIO DE CONTO DE FADAS?

Além do Coelho Branco, Alice conhece um Arganaz (que dorme numa chaleira), um gato (que pode desaparecer e deixar o sorriso flutuando no ar), uma lagarta (que fuma um narguilé), porcos-espinhos e flamingos (que se tornam ferramentas vivas nas mãos da Rainha), uma tartaruga (ou Falsa Tartaruga, ou Tartaruga Nostálgica, ou Tartaruga Fingida, dependendo da tradução, mas sempre uma chorona), um grifo, um bebê porco (que espirra nos joelhos da Rainha), um rato, um lagarto (Bill, que também é escriba), um pato, um dodô (para alguns analistas, o dodô representaria Lewis Carroll se mostrando na história sob seu nome de verdade, pois quando Charles Dodgson se apresentava, sendo gago, ele costumava dizer Do-Do-Dodgson) e um baralho animado, monarquista e militarizado.

O REAL E O ABSURDO

Mais do que a história ou seus animais e objetos humanizados, o universo de Lewis Carroll se caracteriza pela manipulação da realidade e do *nonsense*, do absurdo e da linguagem. O texto tem tantas frases com duplo sentido, quiproquós (confusões), erros voluntários, jogos de palavras e que tais, que os tradutores precisam suar a camiseta, às vezes, com brilhantismo. Como num diálogo do Rei com o Chapeleiro: “Começou com o chá”, respondeu o Chapeleiro. ‘Claro que chacoalhar começa com cha!’, disse o Rei rispidamente. ‘Acha que eu sou imbecil? Continue!’. Quando Alice toma chá com a Lebre e o Chapeleiro, a conversa segue caminhos inauditos, com o diálogo sobre o nada: “Tome mais chá”, disse a Lebre de Março para Alice, muito séria. ‘Ainda não tomei nenhuma xícara’, respondeu Alice num tom ofendido, ‘por isso não posso tomar mais.’ ‘Você quer dizer que não pode tomar menos’, disse o Chapeleiro, ‘é muito fácil tomar mais do que nada’”. Nessa mesma cena, a Lebre de Março e o Chapeleiro repetem várias vezes “Não há lugar! Não há lugar!”, embora todas as cadeiras estejam vazias. Além disso, eles fazem perguntas e charadas sem resposta a Alice, como “Por que um corvo é parecido com uma escrivanhinha?” ...



* Trechos do romance *Alice no País das Maravilhas* traduzidos por Rosaura Eichenberg (L&PM, 1998).

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS (1865)

Lewis Carroll dá um nome a esse tipo de criação literária (que será ainda mais importante em *Através do espelho* e *A caça ao Snark*): “portmanteau word”, ou seja, palavra-valise, criação verbal resultante do amálgama de duas ou três palavras que já existem. A expressão passou para a linguagem corrente.



A RELATIVIDADE DO MUNDO

Em *Alice no País das Maravilhas*, nada é fixo: a menina muda de tamanho sempre que bebe ou come alguma coisa, a ponto de se tornar, no capítulo “A poça de lágrimas”, uma gigante que chora e, depois, uma menina minúscula que quase se afoga nas próprias lágrimas. Sua conversa com a Lagarta, por outro lado, a faz duvidar de sua identidade, assim como a conversa com o Gato de Cheshire a faz duvidar de sua saúde mental e também da possibilidade de chegar a algum lugar. O capítulo “Um chá muito louco” coloca em causa tanto a linguagem quanto o tempo.

De fato, a Lebre, o Arganaz e o Chapeleiro estão presos no tempo: para eles, são sempre seis horas, a hora do chá, e eles não querem sair desse momento. Ora, ficamos sabendo que o tempo é uma pessoa e que o Chapeleiro havia brigado

com ele, que, por isso, não comparece ao chá... Lewis Carroll, matemático, brinca aqui com o conceito de quaterniões, ou quatro dimensões: altura, comprimento, largura (Lebre, Arganaz, Chapeleiro) e... tempo! As cenas ou diálogos absurdos também constituem, em Carroll, metáforas de teorias matemáticas.

Como no caso do famoso não aniversário (que aparece em *Alice através do espelho*), que permite entender o princípio da probabilidade e dos conjuntos complementares. A conversa que ela tem com o Grifo e a Tartaruga (“E quantas horas de aula por dia vocês tinham nesses cursos?”, disse Alice [...]. ‘Dez horas no primeiro dia’, disse a Tartaruga Falsa, ‘nove no dia seguinte, e assim por diante.’ ‘Que plano esquisito!’, exclamou Alice. ‘É por isso que são chamados de cursos’, observou o Grifo, ‘porque ficam mais curtos a cada dia.’”) é uma metáfora das sequências numéricas. As cartas que constituem as tropas do Rei e da Rainha, por sua vez, o Dois, o Cinco e o Sete, que brigam o tempo todo, são os três números primos que todo matemático conhece.

Os objetos também revelam a relatividade de suas substâncias e uso: o Arganaz dorme dentro da chaleira, o telhado da casa do Chapeleiro é de pele, sua chaminé parece uma orelha, e todos os seus móveis têm a forma de uma lebre... Embora o mobiliário se aproxime da forma dos seres vivos, os seres vivos podem, por sua vez, se transformar em mobiliário. Assim, quando Alice joga croquet com a Rainha, os tacos são flamingos vivos, os soldados formam os arcos e as bolas são agitados porcos-espinhos!

O contexto LITERÁRIO

A obra de Lewis Carroll deve constar ao lado da dos grandes autores ingleses de literatura fantástica, de fantasia e de ficção científica do século XIX (dezenove), que souberam criar um imaginário capaz de antever o futuro século XX (vinte). De William Morris a Mary Shelley e Robert Louis Stevenson, passando por Lewis Carroll, trata-se de uma mesma onda que remodela a literatura, “infantojuvenil” ou “adulta”, e a poesia, num mesmo movimento de questionamento da realidade do mundo industrial, científico e racional.

O INVENTOR DA FANTASIA

O gênero *fantasia*, que, diferentemente do fantástico, implica que os personagens aceitem a magia e o estranho (como é o caso de *Alice...*), foi inventado na Inglaterra, por George MacDonald (1824-1905) e William Morris (1834-1896). Este último, autor de poemas, escritos políticos e romances, além de tradutor das sagas islandesas,

publicou em 1856 *The Hollow Land*, considerado um dos primeiros romances de fantasia do mundo. Mas também publicou romances de ficção científica socialista (prenunciando H.G. Wells...), como *A Dream of John Ball* e *News from Nowhere*... George MacDonald, por sua vez, foi um pastor calvinista que escreveu vários romances fantásticos, como *Phantastes*, *A princesa e o duende*, *Lilith*, *A princesa da luz* e *A chave dourada*. Ao contrário de William Morris, seus romances e contos fantásticos eram publicados por editoras voltadas para a juventude, embora MacDonald tenha declarado: “Não escrevo para crianças, mas para todos que têm uma alma de criança, seja aos cinco, cinquenta ou setenta e cinco anos”. MacDonald, que Tolkien e Lewis consideravam seu mestre, era amigo de... Lewis Carroll. Foi ele que convenceu Lewis Carroll a publicar as aventuras de Alice...

A adaptação de *Alice no País das Maravilhas* e o GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Já aconteceu de falarem que você já é grande para fazer uma coisa e, logo depois, que ainda é muito pequena, ou pequeno, para fazer outra coisa? Às vezes dá um nó na cabeça e parece que não faz sentido, mas, apesar de ser meio confuso, é assim que a gente cresce e vai aprendendo. Agora imagine se acontecesse isto: se o seu corpo ficasse grande, depois pequeno, dependendo da situação? Parece fantástico? Parece loucura? Parece um sonho? Para nós, parece um pouco a história da Alice.

O livro *Alice no País das Maravilhas* conta a história de uma garotinha que passa pela experiência de entrar em um mundo extraordinário, com personagens icônicos e diálogos desafiadores, enquanto seu próprio corpo muda de tamanho, sem que ela entenda muito bem o que está acontecendo. Aliás, o autor do livro, o Lewis Carroll, adorava escrever histórias fantásticas desse tipo que, às vezes, pareciam não fazer muito sentido (a gente pode chamar isso de “histórias *nonsense*”).

Esta versão da obra que você tem nas mãos, em formato de história em quadrinhos (HQ), foi adaptada por David Chauvel e ilustrada por Xavier Collette. As histórias em quadrinhos definem-se por serem narrativas gráficas, ou seja, narrativas em que a ilustração é muito importante para a construção da história. E não se preocupe se você ainda está aprendendo a ler, porque as frases são pequenas, o que é muito comum nas histórias em quadrinhos, já que elas precisam caber em balões. Só as ideias são grandes!



O legal das histórias em quadrinhos é que o que a gente imaginou e o que o ilustrador desenhou podem ser comparados a todo momento! Podemos até folhear o livro e imaginar o que está acontecendo sem ler, pensar no que estão dizendo ou por que estão com aquelas expressões. E o formato dos quadrinhos e balões, o jeito que o texto está escrito, os pontos de vista, as cores, entre outros recursos, deixam a história ainda mais interessante e cheia de sentidos!

Se você gosta de aventura, surpresa, reviravolta e diversão, você vai adorar esta leitura. Então vá agora mesmo para o início dessa história em quadrinhos e aproveite a leitura!

Kátia Chiaradia e Marcella Abboud

Kátia e Marcella respiram e se alimentam de literatura. Essa paixão se reflete na profissão que escolheram: fizeram graduação em Letras e mestrado e doutorado em Teoria e História Literária. Kátia trabalha com formação de professores e materiais de literatura. Marcella é professora de Literatura e Língua Portuguesa e escritora. Ambas são nerds e amam trabalhar com literatura.

